

O ESTADO DE SAO PAULO

Europeus ainda não apresentaram oferta melhorada ao Mercosul

Bruxelas - O chefe da missão brasileira na Comunidade Européia, José Alfredo Graça Lima, disse hoje que a Comissão Européia, órgão executivo da União Européia, ainda não apresentou a oferta melhorada para um acordo de livre entre os dois blocos. "Enquanto não tivermos uma oferta completa da Europa será impossível avaliar o seu valor e iniciar uma negociação sobre as propostas", disse ele logo depois da primeira reunião do Comitê Birregional de Negociações (CBN), em Bruxelas.

De acordo com o embaixador, o Mercosul já apresentou a oferta melhorada aos europeus e ela pode até ser ampliada, mas, para isso, os quatro países do Cone Sul terão de conhecer a proposta européia. Segundo ele, os europeus estão apresentando as propostas em "contagotas".

Graça Lima reafirmou que um acordo entre os dois blocos poderá ser concluído até outubro, mas o cronograma corre risco. A expectativa inicial do Mercosul era para que o rascunho do acordo de livre comércio entre os dois blocos fosse anunciado ao final deste mês na cúpula de Guadalajara, no México. A Comissão Européia reafirmou que um acordo continua sendo prioridade. A reunião da Comissão Birregional de Negociações será encerrada na sexta-feira

GAZETA MERCANTIL

"Pouco avanço na OMC após julho"

Washington e Genebra (Suíça), 4 de Maio de 2004 - Zoellick propõe abandono da discussão sobre investimentos e compras governamentais. O Representante de Comércio Exterior (USTR) dos Estados Unidos, Robert Zoellick, disse ontem que as negociações da Rodada de Doha, para derrubada mundial de barreiras ao comércio, não deverão progredir muito depois de julho. Segundo ele, a mudança dos comissários (espécie de ministros) da União Européia (UE) no segundo semestre e as eleições presidenciais norte-americanas, em novembro, tornarão difíceis um avanço das discussões na segunda metade deste ano. Zoellick propôs ainda que se abandonem, por enquanto, as conversações sobre investimentos, concorrência e transparência em compras governamentais, e que se concentre na facilitação comercial, o mais fácil dos chamados quatro temas de Cingapura, que interessam às nações desenvolvidas.

Mas disse que está otimista quanto à possibilidade de a UE adotar a meta de eliminação dos subsídios às exportações de produtos agrícolas, como parte de um novo acordo no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Pelo cronograma original, as negociações da rodada deveriam terminar até janeiro de 2005. Praticamente não se trabalha mais com essa data. Mas os países tentam definir, até julho, o que chamam de moldura, com as linhas gerais da negociação. "Acredito que há uma oportunidade para avançar nas negociações até o verão (americano)". A definição de detalhes, como o ritmo para desgravação tarifária e de uma eventual derrubada dos subsídios à exportação, ocorreria depois. As negociações estão travadas. A dificuldade de os países desenvolvidos aceitarem derrubar suas barreiras ao comércio agrícola - a UE está reticente em aceitar definir uma data para o fim dos subsídios à exportação - é um dos principais motivos para isso.

"Acho que a União Européia está caminhando nessa direção (de eliminar subsídios à exportação agrícola)", afirmou Zoellick. No última final de semana, o USTR se encontrou em Londres com o chanceler Celso Amorim, com o Comissário de Comércio da UE, Pascal Lamy, e com negociadores da África do Sul e Quênia, para tratar da rodada. Mas o negociador norte-americano não quis dar detalhes sobre as declarações do colega europeu. Zoellick disse que "a questão mais difícil" na negociação sobre produtos agrícolas poderá ser o nível de abertura dos mercados agrícolas de países em desenvolvimento como Brasil e a Índia, em troca da redução dos subsídios domésticos na UE e nos EUA.

O possível avanço em relação à UE teria surgido devido a novas complicações nas discussões. Durante a reunião do Conselho das Américas, ontem, no Departamento de Estado americano, o Brasil prometeu voltar a exercer pressões sobre os EUA e a UE para obter novas concessões na área comercial. Na semana passada, a OMC tomou decisão a favor do Brasil, condenando os subsídios dados aos norte-americanos a seu setor de algodão. "Usaremos a decisão não como arma, mas como argumento", disse o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan.

EL PAIS

Chile olfatea mercados

Chile se concentrará en conversaciones de libre comercio con Nueva Zelanda y Singapur después de haber alcanzado exitosos acuerdos con Estados Unidos, la Unión Europea y Corea del Sur, declaró ayer el presidente chileno, Ricardo Lagos, que concluye una gira internacional en Wellington.

Lagos inició el 25 de abril una gira internacional que le llevó a Sudáfrica, Indonesia, Singapur y Nueva Zelanda. Este viaje tiene por objetivo invitar a los líderes de los países asiáticos a la cumbre del Foro de Cooperación Económica Asia Pacífico (APEC), que se celebrará en noviembre en Chile.

Mercosur y Europa vuelven a negociar

La Unión Europea y el Mercosur comenzaron ayer nueva ronda de contactos encaminados a lograr un Acuerdo de Asociación, que se centrarán en el capítulo de reglas y en avanzar en la preparación de las ofertas mejoradas de negociación.

La discusión sobre reglas de aduana, de competencia, de origen, así como medidas sanitarias, fitosanitarias y vinos, centrará esta ronda, que se prolongará durante una semana, dijeron a EFE fuentes comunitarias.

Además, "avanzaremos un poquito" en la preparación de las ofertas mejoradas de negociación para darles "los toques finales", agregaron.

La UE y Mercosur habían previsto intercambiarse las ofertas mejoradas de negociación el mes pasado, pero aún no lo han hecho.

Aunque no se hayan intercambiado aún las ofertas mejoradas, "no es motivo para pensar que estamos en un callejón sin salida o que no ocurre nada", dijeron las fuentes, que agregaron que "no hay que olvidar que sobre la mesa ya hay "muchas cosas sobre las que hay que seguir discutiendo".

La Unión Europea "sabe muy bien lo que quiere poner sobre la mesa" y lo ha discutido con Mercosur de manera informal en una visita realizada por representantes de la Comisión Europea a mediados de abril a Buenos Aires.

El Mercosur desea una mejora de su acceso al mercado comunitario en materia, sobre todo, de productos agrícolas e industriales —por ejemplo el etanol—, capítulos en los que la UE "está dispuesta a responder", pero quiere a cambio "una mejora de su oferta" en servicios, compras públicas e inversiones.

EL UNIVERSAL

EEUU negocia acuerdo con países andinos excepto Venezuela

Washington. Estados Unidos iniciará las negociaciones para tratados de libre comercio con Perú y Ecuador dentro de dos semanas, al mismo tiempo que Colombia, según anunció el representante de Comercio Exterior de ese país, Robert Zoellick.

El disparo de salida será el próximo día 18 en Colombia, donde ya estaban previstas las negociaciones entre Bogotá y Washington, y EEUU prevé tener los acuerdos listos el año que viene.

"Perú y Ecuador se unirán a Colombia en esas negociaciones", afirmó Zoellick en una conferencia organizada por el Consejo de las Américas, que agrupa a las principales multinacionales que invierten en América Latina.

"Hemos trabajado de forma intensa con las autoridades de Perú y Ecuador sobre (mecanismos para resolver) disputas empresariales y la protección de los derechos de los trabajadores", explicó el funcionario, con lo que ahora están listos para comenzar a discutir el texto de un acuerdo.

Zoellick informó al Congreso de EEUU a fines del año pasado la intención de negociar convenios comerciales con los países andinos, pero hasta ahora no se había señalado una fecha para el inicio de las conversaciones, excepto en el caso de Colombia.

El país restante es Bolivia, que al parecer EEUU considera que no está preparado todavía para sentarse a la mesa de negociaciones. El responsable comercial estadounidense afirmó que espera que se incorpore "en una fase posterior".

Zoellick no hizo alusión a Venezuela, país que también forma parte de la Comunidad Andina de Naciones.

Zoellick dijo que estos acuerdos de libre comercio, además del negociado con América Central y República Dominicana, y los que están en vigor con México, Canadá y Chile, mantienen el impulso para lograr un Area de Libre Comercio de las Américas (ALCA).

En su intervención, el secretario del Tesoro de EEUU, John Snow, se apartó del modelo europeo, y dijo que lo mejor que puede hacer su país por sus vecinos del Sur es mantener una economía en expansión. "El crecimiento es mucho más valioso que la ayuda externa", recalcó.

Pero sus argumentos no convencieron a los representantes latinoamericanos. El ex presidente de Costa Rica Miguel Angel Rodríguez apuntó que Grecia, Irlanda y Portugal recibieron en la década pasada ayudas de la UE que ascendían a un 2,5 por ciento de su Producto Interno Bruto (PIB).

Rodríguez pidió que se considere un sistema similar como parte del Area de Libre Comercio de las Américas.

En su discurso, Zoellick también se refirió a las conversaciones en la Organización Mundial de Comercio (OMC), después de que se reuniese Brasil, Africa del Sur, Kenia y la Unión Europea en Londres este fin de semana.